

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUME XXXVI - 1997

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

ÉL vio MELIM DE SOUSA

Conservador dos Museus da Câmara Municipal de Sintra

EURICO SEPÚLVEDA

Licenciado em Economia

MATERIAIS INÉDITOS DA NECRÓPOLE ROMANA  
DA HERDADE DA BARROSIHA (ALCÁ CER DO SAL)  
— A COLECÇÃO DOS COMENDADORES NUNES CORREIA  
“Conimbriga” XXXVI (1997) p. 103-122

RESUMEN: Estuda-se uma colecção particular de artefactos romanos, constituída por dez peças provenientes da necrópole romana da “villa” da Herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal).

Os materiais corresponderão, certamente, ao espólio de uma sepultura de incineração, colocando-se a hipótese de a mesma ter pertencido a um cirurgião.

Uma das lucernas, com figuração de temática erótica, constitui exemplar inédito dentro das tipologias e bibliografias conhecidas.

Toda a colecção é atribuída ao séc. III d. C.

RÉSUMÉ: On présente les résultats de l'étude d'une collection d'objets romains qui proviennent de la nécropole de l'Herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal — Portugal).

On croit que le mobilier de la sépulture appartient à un médecin. Dans la collection il y a une lampe qui par sa décoration paraît être inédite. La chronologie de l'ensemble se situe aux alentours du III<sup>ème</sup> siècle après J. C.

(Página deixada propositadamente em branco)

MATERIAIS INÉDITOS DA NECROPOLE ROMANA  
DA HERDADE DA BARROSINHA  
(ALCÁCER DO SAL)

— A COLECÇÃO DOS COMENDADORES NUNES CORREIA

Nos últimos anos da década de 80, tivemos conhecimento, através do Dr. José Cardim Ribeiro, da existência, na Praia das Maças (Sintra), de uma colecção particular de artefactos arqueológicos romanos, proveniente da Herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal).

Após contacto com os proprietários — Comendadores Maria Eva e Manuel Nunes Correia — agendámos uma deslocação à Praia das Maças, a fim de iniciarmos o estudo do dito espólio.

Deparámo-nos com um conjunto de cinco peças cerâmicas [uma *olla* (“urna”), três lucernas e um jarrinho de uma asa], quatro metálicas [uma *ligula*, dois *scalpella* e uma sonda cirúrgica (*specillum*)] e uma vítrea (taça), em relativo bom estado de conservação e de nítido cariz funerário.

Durante a sua análise, foi-nos referida a sua origem — a estação romana da Herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal), pertença dos referidos comendadores. Não conseguimos, contudo, apurar qual a sua proveniência exacta dentro da área da herdade, apenas podendo ser excluídos, dentro desta, os campos de nula aptidão agrícola, dado a colecção provir de terrenos aráveis.

Os materiais em causa teriam sido recolhidos, muitos anos antes, por trabalhadores agrícolas, aquando do cíclico amanho manual das terras, tendo-os, então, descrito, como um “pote de barro com cinzas”, junto do qual se amontoavam outros vasos, lucernas e objectos metálicos, e num local onde, já anteriormente, tinham sido descobertos outros vestígios antigos, semelhantes a estes.

Este “conjunto”, impossível hoje de ser reconstituído integralmente com exactidão, terá, certamente, correspondido ao espólio de

uma sepultura romana de incineração, colocando-se a hipótese de a mesma ter pertencido a um cirurgião.

Não existem quaisquer registos dos achados, quer fotográficos, quer desenhados, mas apenas orais. Todavia, e segundo o Sr. Comendador Manuel Nunes Correia (entretanto falecido), terá havido, por altura da descoberta dos vestígios, uma troca de correspondência entre este e o Prof. Doutor Manuel Heleno, em que o primeiro dava conta e descrevia os materiais encontrados na Barrosinha, e no decurso da qual ambos teciam considerações várias sobre o espólio. Infelizmente, não tivemos acesso a toda essa documentação, por não se saber o seu actual paradeiro.

O certo é que a colecção ora em análise (dez peças no total) jamais se desfez, restando sempre integrada nos bens dos donos da Herdade da Barrosinha, quer em Alcácer do Sal, quer em Lisboa ou Sintra.

Os vários elementos do “conjunto”, à altura a que demos início ao seu estudo, encontravam-se inteiros e já lavados, não havendo, pelo que nos confirmaram, quaisquer outras peças ou fragmentos.

Desde logo nos foi salientada a total disponibilidade dos possuidores, em tudo o que necessitássemos e lhes fosse possível, no intuito de levarmos a bom termo o nosso trabalho.

Cabe-nos aqui agradecer, publicamente, esta louvável e esclarecida postura, tão pouco comum actualmente, sem a qual nunca teria sido viável a elaboração do artigo que ora se apresenta.

### **A “estação” romana da Herdade da Barrosinha**

Não são vastas nem tão-pouco frequentes, as referências à “estação” romana da Herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal) na bibliografia arqueológica, pelo que não se nos tornou difícil a tarefa de tentarmos coligir aqui a maior parte dessas informações (!).

Ao que se sabe, remonta ao ano de 1896 a primeira alusão escrita à “estação”, quando Joaquim Correia Baptista refere, n’*O Archeologo*

(>) Não sabemos se existirão ou não referências à Herdade da Barrosinha na imprensa local e regional; todavia, para o nosso trabalho, não tivemos esse factor em conta. Por outro lado, pensamos ser de admitir a existência de recolhas, não sistemáticas, de materiais arqueológicos, por parte de elementos do Museu Municipal de Alcácer do Sal e consequentes depósitos no mesmo.

*Português* <sup>2</sup>), sob o título «*Salada*», o seguinte: “E mais abaixo ainda, a quatro quilómetros de Alcácer, no sítio da Barrosinha, existem alicerces, e muitos pedaços das faladas típicas telhas e tijolos, em sítio tão elevado que foi preferido pelo proprietário da respectiva herdade para eira; e a uns quatro metros do rio, na mesma margem direita, ainda se encontram inconfundíveis vestígios de um forno, estando a descoberto um pedaço de pavimento feito em formigão. Neste local julgo fácil extrair algumas telhas e ânforas completas, desde que se faça uma metódica exploração.

Outro tanto sucederá no sítio da Xarroqueira, a cinco quilómetros a jusante de Alcácer e ainda na mesma margem, onde se vêem muitos fragmentos de ânforas e de tijolos. Parece que houve aí, como na Barrosinha, vários fornos”.

Dois anos mais tarde, José Leite de Vasconcellos noticia, igualmente n’O *Archeologo Português* (Q), a recolha de achados romanos [cerâmica de construção, ânforas e “barro saguntino” (*sigillata* e/ou cerâmica de paredes finas)], numa herdade localizada perto de Alcácer, a cerca de 1,5-2 km do centro da vila e implantada na margem direita do Sado, junto às águas do rio. Identificando-a como “Herdade da Barrosinha”, interroga-se, desde logo, sobre a sua classificação tipológica — “povoação” ou “simples *villa*”.

Logo aqui, e apenas com base nas informações relatadas por Joaquim Correia Baptista e José Leite de Vasconcellos, se denota uma discrepância, a nível do espaçamento a que colocam os achados em relação a Alcácer do Sal. O primeiro refere que distam cerca de 4 km da vila, o segundo cerca de 1,5-2 km daquela, embora os coloquem ambos na margem direita do rio. Tais localizações, revelam, por si sós, a existência de uma “estação” arqueológica, talvez uma grande *villa*

(<sup>2</sup>) Volume II, n.º 1, p. 7.

(<sup>3</sup>) Volume IV, n.º 1-6, p. 113. Refere concretamente: “Herdade da Barrosinha — Fica ainda mais perto de Alcácer: 1,5 quilómetros a 2 quilómetros. Na margem direita do Sado, junto à água, encontrámos, no mesmo dia, inúmeros fragmentos de ânforas: bojós, asas, gargalos; o Sr. Baptista tinha também achado testos. Foi aqui que apareceu, na ocasião da nossa visita, o fragmento de asa de ânfora com a inscrição que acima transcrevi. Apareceram igualmente muitos tijolos prismáticos e outros, bem como fragmentos de barro saguntino, e de *opus signinum*. — Merece a pena proceder a escavações, porque decerto aparecem mais objectos. Só depois se saberá se se trata de povoação ou de simples *villa*”.

áulica, cujos vestígios abrangeriam uma área vastíssima, ou, então, estações distintas, apesar de insertas na mesma herdade e implantadas na mesma margem do Sado.

Somente muito tempo depois, em 1974 — apesar do surgimento de uma referência esporádica à Barrosinha inserta em dois mapas de difusão de marcas de lucernas analisadas na dissertação de licenciatura de Maria Elisabeth Cabral, em 1973 —, serão publicados, segundo moldes científicos correctos, os primeiros materiais arqueológicos romanos exumados na Barrosinha. As cinco lucernas estudadas então por aquela arqueóloga <sup>(4)</sup> e pertencentes ao Museu Nacional de Arqueologia, após aquisição por parte do Prof. Doutor Manuel Heleno — “embora desintegradas do seu contexto arqueológico” —, forneceram as primeiras datações válidas para aquela “estação”, ao concluir-se, da sua análise, estar-se na presença de um “fabrico hispânico”, datado do século III d. C.

Mesmo assim, tanto a dúvida que os relatos de Joaquim Correia Baptista e de José Leite de Vasconcellos originaram quanto à existência de uma ou mais “estações” arqueológicas na Herdade da Barrosinha, como, ainda, a confirmação das primeiras cronologias apontadas para a “estação” por Maria Elisabeth Cabral, através das datações dos artefactos que publicara em 1974, apenas terão desfecho em 1987, através da publicação de um artigo de António Manuel Dias Diogo *{et alii}* na *Conimbriga*, intitulado “Fornos de ânforas de Alcácer do Sal” <sup>(5)</sup>.

Com efeito, os seus autores revelam a real existência, não de um único local arqueológico, mas de dois, distintos — Barrosinha I [implantado a cerca de 4 km de Alcácer do Sal, segundo Joaquim Correia Baptista, e a cerca de 4km para montante de Alcácer, segundo Antonio Manuel Dias Diogo *et alii*] e Barrosinha II [situado a cerca de 1,5-2 km de Alcácer do Sal, segundo Leite de Vasconcellos, e a cerca de 2,5 km para montante de Alcácer, segundo Dias Diogo *et alii*], correspondendo-lhes, em nossa opinião, respectivamente, ao primeiro, os vestígios referidos por Correia Baptista e, ao segundo, os achados identificados por Leite de Vasconcellos. Em ambos os locais, assinalam, unanimemente, a presença de fornos de ânforas e dos consequentes vestígios da sua laboração.

<sup>(4)</sup> “Cinco lucernas inéditas da Barrosinha (Alcácer do Sal)”, *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, volume II, Lisboa, 1974, pp. 175-184.

<sup>(5)</sup> Volume XXVI, Coimbra, 1987, pp. 77-111.

Os materiais estudados por Dias Diogo *et alii*, recolhidos numa vala de drenagem para escoamento de águas na Herdade da Barrosinha, durante o Verão de 1978, por elementos do Museu Municipal de Alcácer do Sal e pertencentes a Barrosinha II, revelaram, de facto, a existência de uma grande estação arqueológica, abundante em vestígios romanos característicos de *villae*, desde as sempre presentes ânforas, até às cerâmicas comuns, *sigillatas*, cerâmica de paredes finas, pesos de tear e cerâmica de iluminação.

As datações fornecidas pelas peças pertencentes ao espólio exumado em 1978, que se encontram depositadas no Museu Municipal, apontam para o segundo quartel do século I d. C. (ânfora, *sigillata* itálica, cerâmica de paredes finas e lucerna), como a cronologia mais recuada, e, para os inícios do século II d. C, como a cronologia mais avançada (ânforas e *sigillata* africana clara A), não se registando, porém, a ocorrência de quaisquer achados com cronologia posterior aos inícios do século II d. C.

Para Barrosinha I apenas é referido, naquele artigo, que os seus fornos fabricaram peças semelhantes às “dos outros fornos do Sado” [ânforas “Dressel 14 e talhas” (*dolia*)], deduzindo-se, assim, para eles, uma cronologia análoga, ou seja, uma produção que não exceda os princípios do século II d. C.

Face ao acima exposto, poder-se-á deduzir que as *lucernae* do século III d. C., publicadas por Maria Elisabeth Cabral, como, ainda, as peças da colecção Nunes Correia, igualmente datadas de cronologias mais tardias do que os inícios do século II d. C, dificilmente pertencerão a Barrosinha I ou a Barrosinha II, mas sim a uma “terceira” estação arqueológica.

Recorde-se, também, que os nossos materiais, dado o contexto em que foram encontrados, e mesmo os depositados no Museu Nacional de Arqueologia, pela sua excelente conservação, indiciam a presença de uma necrópole, localizada algures, mas dentro da herdade, cuja existência nos foi, de resto, confirmada por elementos do Museu Municipal de Alcácer do Sal <sup>(6)</sup>. Confronte-se, também, a este propósito, o fragmento de um óptimo colar romano (ouro, contas de vidro e gemas) exposto naquele Museu, sob a referência de “Herdade da Barrosinha”, e que provém igualmente de um enterramento.

(6) Agradecemos ao Dr. João Carlos Faria e ao Sr. Fernando Gomes as preciosas informações que tão amavelmente nos cederam.

Em 1980, A. M. Dias Diogo, na *Conimbriga* (vol. XIX, p. 149), fala de prospecções efectuadas na Herdade da Barrosinha, entre 1976 e 1979.

No fascículo 2 — “Coimbra e Lisboa” — de *Roman Portugal* (1988, p. 133, 5/ 360-Barrosinha), Jorge de Alarcão refere a Herdade da Barrosinha, relatando a existência, no local, de alicerces, cerâmicas várias e de uma necrópole de inumação, agradecendo esta última informação a João Carlos Faria e a Marisol Ferreira. Surge-nos aqui, saliente-se, a primeira notícia escrita concreta, em bibliografia arqueológica, da necrópole da *villa* da Barrosinha. Nesse mesmo ano, 1988, surge uma nova, mas muito breve alusão à Herdade da Barrosinha, sobretudo no que respeita ao fabrico, ali, de ânforas, desta feita, no trabalho (inédito) de Manuel Maia<sup>(7)</sup>, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como «Prova Complementar de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia», intitulado *Ânforas do Sul da Lusitânia. Ensaio de Caracterização e Contributos para a História Económica*.

Pouco depois, já em 1990, nas *Actas das Jornadas sobre Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio* <sup>(8)</sup>, dá-se conhecimento de treze novos e inéditos achados anfóricos [todos pertencentes a vasilhas do tipo “Lusitana 2” (=Dressel 14)] nos fornos da Barrosinha I.

Igualmente de 1990 data a penúltima referência à Herdade da Barrosinha, que seríamos. Trata-se de uma alusão, feita por Vasco Gil Mantas (p. 179), à existência de pesos de lagar de azeite em “ruínas de estabelecimentos rurais, em parte correspondentes a *villae*”, dando como exemplo, de entre estas, a Barrosinha.

Muito recentemente, em 1996, Françoise Mayet, Anne Schmit e Carlos Tavares da Silva fazem alusão, de novo, às ânforas da Herdade da Barrosinha (fabrico e achados), na obra *Les Amphores du Sado (Portugal)*. Os autores inserem na sua obra dois mapas com a localização precisa da estação da Herdade da Barrosinha e apresentam uma actualização dos achados dispersos.

Conclui-se, após a análise das várias notícias supra-relatadas, que todas as “estações” romanas da Herdade da Barrosinha corresponderão,

(7) Páginas 3 e 38, notas 1 e 2.

(8) Página 175 e figs. 46-48.

seguramente, a uma grande *villa* áulica. Esta possuiria diversos (pelo menos dois) complexos fabris de ânforas e cerâmica comum (*dolia*), por sua vez dotados de fornos e, ainda, a respectiva necrópole e demais dependências adjacentes, localizadas, todas elas, a uma relativa maior ou menor distância do centro principal.

### A colecção dos Comendadores Nunes Correia - Catálogo

Quase todas as peças da colecção se apresentavam inteiras, pelo que forneceram perfis completos (caso das cerâmicas e vidro), o que nos facilitou, sobremaneira, a detecção das respectivas formas e consequente datação das mesmas.

Temos assim:

N.º 1 (Est. I) — **Peça:** recipiente de cerâmica comum tipo “urna”, inteira, onde foi recolhida a incineração, segundo os trabalhadores rurais. Possui bordo revirado para fora, não muito pronunciado e fundo recto. **Forma:** Pote Tipo 2b — variante de gargalo baixo de Nolen: *olla* de bordo revirado para fora do tipo 1 de Vegas. **Diâmetro:** 153 mm ao nível do bordo e 98 mm ao nível do fundo. **Pasta:** castanha-acinzentada escura, de grão grosseiro, com elementos não plásticos de grandes dimensões, micácea, porosa e dura. **Engobe:** externo, de cor idêntica à da pasta, espesso, homogêneo, não muito brilhante; interno, inexistente. **Cronologia:** Nolen adianta para esta forma uma datação balizada entre 15-12 a. C. e a segunda metade do século III d.C., referindo, no entanto, ser preferível não se adiantar uma cronologia exacta para estes potes, dado o seu larguíssimo espectro temporal. Por sua vez, Vegas refere que o seu tipo 1 foi muitíssimo disseminado, quer por todas as províncias romanas do Império, quer por toda a época romana, não sendo possível estabelecer, deste modo, em seu entender, quaisquer significações cronológicas ou geográficas específicas para estas “vasilhas de cozinha”. Estas opiniões parecem comprovar-se com as cronologias atribuídas por Jorge Alarcão para as peças de cerâmica comum n.ºs 151, 701 e 889 de Conímbriga, todas elas potes de bordo esvasado e com cronologias do período flaviano, para a primeira, e do século V d. C., para as segunda e terceira.

N.º 2 (Est. II, n.º 1) — **Peça:** taça inteira de vidro transparente, bordo com aba revirada para fora, embora com uma pequena curvatura no topo, a nível do remate. Com bolhas de ar, muito irisada e fundo em anel muito mais espesso do que a parede. Parede muito delgada, arredondada e com duas curvaturas acentuadas, uma, mais aguda, parte para o remate do bordo, outra,

mais larga, desce para fazer o pé. Entre ambas, inscreve-se um bojo bastante pronunciado. O exterior do fundo apresenta-se, na generalidade, convexo, embora se denote uma concavidade central que origina um *omphalos*, correspondendo-lhe um interior côncavo e, logicamente, uma pequena depressão circular central. **Forma:** não encontramos, na bibliografia consultada, nenhum paralelo exacto para a nossa peça. Ainda assim, pensamos que a forma Isings 87 é a que melhor se enquadra — bordo esvasado, corpo alto e fundo em anel. Todavia, o bordo da taça da Herdade da Barrosinha é semelhante ao patente na forma Isings 42a. Esta forma de Isings possui, igualmente, fundo com pé em anel, muito embora bem diferente do nosso. Para concluir, é-nos impossível identificar a nossa taça como uma variante de qualquer das formas de Isings atrás citadas. **Diâmetro:** 129 mm, a nível do bordo exterior e 62 mm, a nível do interior do pé em anel. **Cronologia:** Para a sua forma n.º 87, Isings adianta uma datação de finais do século I d. C./ inícios do século II d. C. e, do mesmo modo, uma cronologia de Marco Aurélio (161 d. C. — 180 d. C.), estendendo-lhe a mesma até aos finais deste século, para a segunda peça identificada com esta forma e encontrada em Ventimiglia. A forma n.º 42a, por seu turno, está datada desde os Flávios (mas não antes), abrangendo todo o século II d. C. e mesmo estratos mais tardios. Uma taça de bordo revirado para fora e fundo em anel conservada no Museu Arqueológico Nacional de Cagliari, de forma Isings 42a, ainda que de perfil diferente do nosso, foi datada por Daniela Stiaffani e Giuseppina Borghetti (1994, p. 138 e Tav. 99), de entre os séculos I d. C. e os inícios do século III d. C. Uma outra peça idêntica (forma Isings 42a), conservada no Museu Arqueológico de Estrasburgo (Véronique Arveiller-Dulong e Jacques Arveiller, 1985, p. 66 e 67, n.º 17), foi alvo de uma reutilização num enterramento datado do século III d. C. ou de cronologia superior. Confrontem-se, igualmente, as tigelas de vidro exumadas em *Balsa* e publicadas em 1994, de forma Isings 42a, para as quais se adianta uma cronologia desde Cláudio/ Nero até data imprecisa dentro do século III d. C. (Nolen *et alii*, 1994, pp. 171, 172, 188, 189 e 231, Est. 36) e as duas tigelas Isings 42a da colecção Bustorff Silva (Simões, 1987, p. 265, 273, 277 e 282). Em nossa opinião, e tendo em conta as cronologias aferidas — tanto as patentes na bibliografia, como as fornecidas pelo demais espólio exumado na necrópole da Herdade da Barrosinha — achamos poder datar-se a nossa taça do século III d. C.

N.º 3 (Est. II, n.º 2) — **Peça:** jarrinho em cerâmica comum, de uma asa e de bordo esvasado (boca larga), embora com uma ligeira curvatura para o interior no bordo. Possui fundo recto. **Forma:** Não encontramos, nas tipologias sobre cerâmica comum disponíveis, uma forma idêntica à da peça em questão. Todavia, a que mais se lhe assemelha consiste no tipo 45 de Vegas, «bocal», embora a nossa peça não apresente, de modo tão evidente, a carena característica daquela forma. Ainda assim, podemos observar uma carena

insinuada e localizada a dois terços do vaso, na sua metade inferior. Confrontar igualmente a peça n.º 45 de *Balsa* (Nolen, 1994, pp. 138, 224-225 e Est. 28, cr-45), a qual, embora não sendo idêntica à nossa, tem semelhanças. **Diâmetro:** 50 mm, ao nível do bordo esvasado. **Pasta:** castanha-avermelhada algo escura, de tom vivo, de grão grosseiro, de elementos não plásticos de médias dimensões, não muito micácea, porosa e dura. **Engobe:** externo, inexistente; interno, inexistente. **Cronologia:** Vegas, para o seu tipo 45, avança uma cronologia desde o século I d. C. até o século III d. C., embora saliente o facto de a forma em questão não perdurar por estratos arqueológicos insertos no século IV d. C. Nolen, para a sua peça, indica a segunda metade do século I d. C. e toda a centúria seguinte, referindo, no entanto, a existência de jarrinhos de forma semelhante em estratos do século III d. C.

N.º 4 (Est. III, n.º 1 e 2) — **Peça:** lucerna de disco, piriforme, inteira e com vestígios de uso, **Medidas:** 108 mm de comprimento; 61 mm de largura e 30 mm de altura. **Forma:** Dressel-Lamboglia 30 B (Cfr. Deneauve XI A/ Paiol 12 AJ /Walters 108/Broneer XXVIII/Yványi XI). **Pasta:** castanha-avermelhada escura, de grão grosseiro, com elementos não plásticos de médias e por vezes grandes dimensões, maciça, micácea (moscovite), porosa e dura. **Englobe:** apresenta somente vestígios nalgumas partes. Grosseiro, de cor castanha-avermelhada, mas de tonalidade mais escura e encarnada do que a da pasta, espesso (por vezes muito espesso, sobretudo nos vincos formais, devido a acumulações), homogéneo e sem brilho. **Orla:** ampla e arredondada (algo convexa). De superfície bastante irregular, onde se inscrevem oito cachos de uvas (ou pinhas?) muito mal definidos e dispostos quatro de cada lado do eixo bico/ asa. O paralelo mais exacto para esta decoração parece ser o observado na lucerna n.º 61 de Conímbriga (Alarcão e Ponte, 1976, p. 101 e Pl. XXVI, n.º 61). Junto ao bico inscreve-se uma ligeira protuberância decorativa (?), a qual, infelizmente, nos é impossível precisar. Esta elevação poderá, hipoteticamente, representar uma letra, talvez um “V”, com o vértice apontado para o centro do disco. Vide a marca de oleiro inserta na peça n.º 202 (fundo), descrita por Ferreira de Almeida (1953, p. 182 e Est. XLII, n.º 202) e o “V inciso” patente no fragmento n.º 7 de Conímbriga, estudado por Belchior (1969, p. 32 e Est. I, n.º 7). **Disco:** algo cóncavo, relativamente pequeno e separado da orla por uma canelura quase imperceptível. É ocupado por urna cena que representa o momento após a caça entre animais, onde se observa um leão sentado, voltado para a direita e segurando entre as patas dianteiras um cordeiro. Apesar de toda a significação de poder, soberania, justiça e sabedoria que envolve normalmente a figura do leão, a par, até, de toda a simbologia cristã que o mesmo encerra (luta entre o bem e o mal, martírio e ressurreição), não podemos, no nosso caso, enveredar por estas explicações. Somos de opinião, portanto, estar-se perante, não de uma cena de *venatio* comum, a qual implica sempre a existência do elemento humano, mas

sim dum caso especial daquela, representada através de uma figuração composta por aqueles dois animais, composição bem característica dos motivos decorativos do século III d. C., apesar de não muito frequente, mas longe, ainda, de qualquer outra acepção religiosa posterior. Confrontar peças n.º 32, proveniente do enterramento n.º 56 da necrópole da Torre das Arcas (Viana e Dias de Deus, 1955, pp. 253 e 257) e n.ºs 84, 85, 203, 205, 261, 273, 323, 329 e 331, publicadas por Ponsich (1961, *passim*). Ver, também, as peças com figurações de leões enumeradas por Bailey (1980, pp. 71 e ss. e Fig. n.º 75). Orifício de alimentação grande, centralizado e inserto numa depressão não muito pronunciada, localizada na metade inferior do disco. **Base:** plana, de fundo côncavo, não decorado. **Asa:** de argola, não decorada, Tipo Ponsich 8. **Bico:** arredondado, amplo e largo. **Cronologia:** tanto a forma Dressel-Lamboglia 30 B, como as asas tipo Ponsich 8, são comumente aceites como características do século III d. C.

N.º 5 (Est. IV, n.ºs 1 e 2) — **Peça:** lucerna de disco, piriforme, inteira, com irregularidades de fabrico e vestígios de uso. **Medidas:** 94 mm de comprimento; 63 mm de largura e 28 mm de altura. **Forma:** Dressel-Lamboglia 30 B (Cfr. Deneauve XI A/ Paiol 12 Pd Walters 108/ Broneer XXVIII/ Yványi XI). **Pasta:** castanha escura, com laivos avermelhados irregulares, de grão grosseiro, com elementos não plásticos de médias e, por vezes, grandes dimensões, micácea, porosa e dura. **Engobe:** de má qualidade, de cor castanha escura, espesso, homogéneo e sem brilho. **Orla:** idêntica à da peça anterior. **Disco:** idêntico ao da peça anterior. Orifício de alimentação muito pequeno, centralizado, mas inserto numa profunda depressão localizada na metade inferior do disco. **Base:** idêntica à da peça anterior. Denota-se, todavia, a presença de um pé em anel perceptível, embora estilizado, o qual remata a base, do lado exterior. **Asa:** idêntica à da peça anterior. **Bico:** idêntico ao da peça anterior, mas não tão perfeito, ou seja, não completamente circular. **Cronologia:** século III d. C.

N.º 6 (Est. V, n.ºs 1, 2 e 3) — **Peça:** lucerna de disco, circular e intacta. **Medidas:** 103 mm de comprimento; 71 mm de diâmetro e 30 mm de altura. **Forma:** Dressel-Lamboglia 30 A. Autores há que fazem derivar esta forma da Dressel-Lamboglia 27, considerando-a uma mera variante desta última (Cfr. Deneauve VIII B/ Ponsich III C/ Paiol 11 B/ Walters 108/ Broneer XXVIII/ Yványi XI). **Pasta:** bege-acastanhada escura, de grão médio, com elementos não plásticos de médias dimensões, porosa, dura e algo depurada. **Engobe:** de cor idêntica à da pasta, não muito espesso, homogéneo, e pouco brilhante. **Orla:** quase plana, ligeiramente arredondada e larga. Decorada com rosetas de oito pétalas (quatro no total) e cachos de uvas (igualmente quatro ao todo), intercalados e dispostos dois de cada lado do eixo bico/ asa. Como paralelos para a decoração da orla, damos as lucernas n.ºs 150 (Est. XX, n.º 2) e 154 (Est.

XX, n.º 6) de Conímbriga (Belchior, 1969, pp. 64 e 65) e as n.ºs 1, 2 e 3 da Herdade da Barrosinha (Cabral, 1974, pp. 8-10). Os mais exactos, porém, são as lucernas n.º 33, exumada na sepultura 38 da necrópole de Torre das Arcas (Viana e Dias de Deus, 1955, pp. 250 e 253), as n.ºs 136 e 140, provenientes de Tróia de Setúbal/ São Domingos (?) e Miróbriga, respectivamente (Ferreira de Almeida, 1953, pp. 170-171 e Est. XXXIX) e as representadas nas Ests. n.ºs XXXIV, XXXVI e XXXVII de Tróia de Setúbal (Cabral, 1973). **Disco:** plano, apresentando, todavia, uma ligeira depressão para o interior (embora pouco pronunciada). Está separado da orla por duas caneluras que o delimitam. É amplo e todo ocupado por uma cena erótica, composta por três elementos, dois homens e uma mulher, em plena função sexual. Notam-se dois elementos do sexo masculino, um de pé e outro sentado, com a mulher de perneio. Os motivos eróticos são, como sabemos, muito comuns nas lucernas. Contudo, para o nosso caso concreto, não conseguimos encontrar um paralelo rigorosamente exacto [três elementos humanos envolvidos numa única cena erótica, exceptuando-se a lucerna conservada no British Museum, sobre a qual se observa uma figuração identificada como cena de pedofilia (Bailey, 1980, p. 70, Fig. n.º 72/ Q 1369) e a lucerna de fabrico grego publicada em 1955 por Maria Ludwika Bernhard (p. 322, 323 e Tabi. LXXXV), em cujo disco se observa uma cena algo similar à nossa, embora não idêntica, com figuração de temática erótica composta por três elementos, a qual é identificada pela autora pela palavra latina *symplegma* (encontro, reunião)], apresentando todos os demais discos de *lucernae* na bibliografia consultada, cenas com duas únicas figuras apenas. Confronte-se, ainda assim, dentro das cenas eróticas comuns, as lucernas publicadas por Ponsich, 1961, peças n.ºs 155-161, *passim*, e as lucernas apresentadas por Bailey, 1980, nas figs. n.ºs 68, 69, 70, 71 e Pl. LXXXI. As cenas eróticas surgem também sobre as paredes das taças cerâmicas (*terra sigillata*), de que são exemplo as apresentadas por Knorr (1907, Est. XXVII), e Lutz (1970, p. 146, n.º P 79). Compostas por duas figuras (Knorr) e por quatro (Lutz), esta última cena poderia, em nossa opinião, ter originado, talvez, a figuração apresentada no disco desta lucerna, dada essencialmente a posição em que se encontram os diversos intervenientes. Outra hipótese que apresentamos, a qual nos foi sugerida amavelmente pela Prof Doutora Maria Teresa Amaré Tafalla, é a da cena em análise corresponder a uma representação do mito de Hílas, mais concretamente na passagem em que é enlevado pelas ninfas junto de uma fonte <sup>(9)</sup>. Confronte-se, ainda, a este propósito, as diversas representações do mito atrás descrito patentes no trabalho de Fernando Regueras Grande *et olii*, publicado em 1994 (pp. 31 a 46). Orifício de alimentação pequeno e ligeiramente deslocado para a esquerda,

<sup>(9)</sup> Agradecemos aqui, publicamente, à Prof Doutora Maria Teresa Amaré Tafalla, esta sugestão.

inserto na metade inferior do disco. Base: de fundo ligeiramente côncavo, é delimitada por duas caneluras não muito profundas. Apresenta ainda três palmas espinhadas, ladeadas pela marca de fabrico “KI”, incisa. Duas outras lucernas da Barrosinha ostentam decorações de palmas espinhadas, embora nunca em número superior a uma (Cabral, 1974, peças n.ºs 2 e 3). Belchior (1969, p. 78 e Est. XXVII, n.º 4) apresenta, por sua vez, uma palmeta na base de uma lucerna. A ostentação de palmas e/ou palmetas é muitíssimo frequente, tanto nas decorações cerâmicas, como nas marcas de oleiro, pelo que nos escusamos de fornecer aqui mais paralelos. Confrontar, ainda assim, pela sua proximidade geográfica, as lucernas de Tróia de Setúbal estudadas, em 1973, por Elisabeth Cabral (pp. 76, 79 e 81 e Ests. XXXV, XXXVIII, XCVII e CIII). No nosso caso, a curiosidade é que temos três palmas espinhadas estampadas na base, tendo-se descoberto apenas um exemplar idêntico (três palmetas), o qual surge patente numa lucerna de produção tunisina publicada por Anselmino e Pavolini (*Atlante*, 1981, p. 192 e Tav. XCV). As siglas «KI», poderão corresponder, talvez, às primeiras duas letras do nome do oleiro. Com efeito, e após a consulta da obra *A Lexicon of Greek Personal Names* (1987, pp. 256-268), surgiram-nos muitas possibilidades de nomes começados por “KI” dentro do período imperial (31 a. C. - 310 d.C.), razão pela qual, apesar de certamente estarmos na presença de um nome grego, não os enumeramos aqui, até porque todos seriam igualmente hipóteses válidas. Ressalve-se ainda o facto de os autores da obra atrás mencionada (Fraser e Mathews, 1987) não fazerem referência aos materiais de suporte dos nomes (pedra, cerâmica, etc.). Outra hipótese que colocamos, embora em segundo lugar, dada a sua improbabilidade, é a de estarmos perante, não das iniciais do oleiro, mas, porventura, dos sinais identificadores do mesmo <sup>(10)</sup>. Ferreira de Almeida (1953, p. 85) diz, a certa altura, que a marca *Romanensis*, por vezes, é acompanhada por um “X” ou por um “K”, dando como exemplo a lucerna classificada com o n.º 582 do British Museum. Esta é a única referência a um “K” isolado que observámos na bibliografia consultada. Para o “I”, damos como paralelo certas siglas iguais à nossa, mas com significação de “L” patentes no *Corpus Vasorum Arretinorum* (1968, p. 235, n.º 870), e nos vários *C. / L.* embora observáveis sobre *terra sigillata* galo-romana e insertas na constituição de nomes. Asa: de argola, decorada por uma pequena faixa em relevo, onde se inscrevem oito

<sup>(10)</sup> J. A. Ferreira de Almeida (1953, pp. 84-85) refere, ao analisar as marcas de oleiro das lucernas, que “com as assinaturas também foram usados sinais, letras isoladas, figurações de vária ordem. (...) Estas assinaturas pessoais tornar-se-iam muito úteis ao bom funcionamento da laboração oficial; em fornos comuns eram cozidos simultaneamente vasos de diversos mestres e só assim se tornava fácil separar a produção de cada um. Letras isoladas ou sinais complexos também aparecem no *infundibulum* com o mesmo fim provável.”

pérolas irregulares. Tipo Ponsich 8. **Bico:** arredondado. **Cronologia:** todos os autores consultados aceitam uma datação do século III d. C. para a forma Dressel-Lamboglia 30 A e para as asas tipo Ponsich 8, pelo que a nossa peça data, certamente, desta centúria. Ressalve-se, contudo, o facto de Anselmino e Pavolini (*CAtlante*, 1981, p. 192) adiantarem para a sua lucerna de Forma VII/ /Tipo A2, a qual ostenta o único paralelo exacto para as nossas três palmetas incisas, uma datação provável da primeira metade do século IV d. C.

N.º 7 (Est. VI, n.ºs 1 e 2) — **Peça:** colher de bronze (*ligula*), formada por uma concavidade oval, larga e arredondada, inteira e ligada ao cabo de secção circular, por um ressalto acentuado e desnivelado, destacando-se claramente o cabo da concavidade. O cabo é, por sua vez, ponteagudo na extremidade. As *ligulae* apresentam variadíssima tipologia e material de fabrico, sendo consideradas peças vulgares dentro dos materiais romanos. Possuem diversas utilidades, essencialmente domésticas e farmacêuticas, mas também médico-cirúrgicas. Todavia, as suas finalidades específicas são-lhes conferidas pelos respectivos contextos arqueológicos, bem como pelos resíduos subsistentes. Segundo J. S. Milne (1907, p. 75), desde que surjam associadas a outros instrumentos cirúrgicos, o seu uso não deixa de ser senão o da medicamentação (administração, doseamento, preparação). **Medidas:** 171 mm de comprimento total; cabo com um comprimento de 121 mm; concavidade com 50 mm de comprimento e 28 mm de diâmetro máximo. **Paralelos:** uma *ligula* semelhante à da Herdade da Barrosinha, mas descoberta na Andaluzia, é publicada por Enrique Melendo (1988, p. 194, Lam. LII, n.º 4). Sabemos também da existência de uma *ligula* muito semelhante exumada na *villa* de São Miguel de Odrinhas (São João das Lampas, Sintra), a qual se encontra conservada no Museu Regional de Sintra. **Cronologia:** Melendo (1988, p. 194) adianta uma cronologia do Baixo Império como provável para a *ligula* da Andaluzia anteriormente referida. Por sua vez, a de São Miguel de Odrinhas, por provir das escavações de 1957, das quais não temos quaisquer registos, poderá ser datada de toda a ocupação da segunda *villa* ali implantada e que data dos séculos III-IV d. C. (Melim de Sousa, 1989, pp. 182).

N.º 8 (Est. VI, n.º 3) — **Peça:** escalpelo, de bronze (*scalpellum*, «*corvus*»), terminado numa das extremidades num “bico de corvo”, portanto, numa ponta curva, cortante e ponteaguda. Este instrumento destinava-se, segundo Enrique Melendo (1988, p. 24), à extirpação de tumores e verrugas. O exemplar da Barrosinha não apresenta já um corte eficaz. O autor atrás citado não atribui, no seu livro, qualquer representação gráfica deste escalpelo à descrição que faz do mesmo, pelo que adiantamos a hipótese de estarmos perante um «*corvus*», tomando apenas por referência aquela descrição. O cabo, de secção circular, apresenta-se fragmentado, mas muito pouco deve faltar para a sua totalidade.

O troço do cabo junto à lâmina, embora igualmente de secção circular, apresenta um diâmetro maior do que o que se inscreve depois da zona achatada (localizada quase na sua extremidade — a 2/3), não se sabendo, todavia, como terminaria na outra extremidade. Pensamos, contudo, que o seu remate seria simples, não se julgando, assim, que terminasse em sonda. **Medidas:** 203 mm de comprimento total (fragmento). A lâmina possui 9 mm de largura máxima. **Paralelos:** a peça n.º 5 da estampa CX de Melendo (1988) é idêntica à nossa, apenas diferindo por ser algo menos larga ao nível da lâmina. Infelizmente o autor não a identifica no texto, pelo que adiantámos a hipótese de se tratar de um *scalpellum* do tipo «*corvus*», com base na descrição a que já aludimos. **Cronologia:** é-nos completamente impossível precisar qualquer data para este tipo de instrumento, pelo que, no nosso caso, o mesmo terá de ser aferido temporalmente de acordo com o seu contexto arqueológico.

N.º 9 (Est. VI, n.º 4) — **Peça:** escalpelo em forma de “bico de corvo”(?), de bronze (*scalpellum*, «*corvus*»?), fragmentado e incompleto. Idêntico ao anterior, apenas diferindo um pouco na lâmina (ligeiramente mais larga) e no cabo. Este último apresenta-se espiralado em quase todo o seu comprimento, embora irregularmente. Na junção do cabo com a lâmina, inscreve-se um ressalto pronunciado (remate), formando como que um anel a toda a volta do cabo. **Medidas:** 110 mm de comprimento total (fragmento). A lâmina apresenta um diâmetro máximo de 10 mm. **Paralelos:** os mesmos que adiantámos para a peça anterior. **Cronologia:** confrontar o que se observou para o *scalpellum* identificado com o número 8.

N.º 10 (Est. VI, n.º 5) — **Peça:** sonda simples?, sonda de ouvido?, de bronze — *specillum?*, *oricarium specillum?*, *auriscalpium?* Vareta metálica lisa, fina e de secção circular, não exibindo qualquer tipo de particularidade. Não decorada. Quanto à sua funcionalidade, a tratar-se de uma sonda simples, seria muito variada, pois consiste num instrumento polivalente. Ainda assim, convém lembrar que a peça não se encontra completa, conhecendo-se apenas uma das extremidades. Se rematasse, do lado inexistente, numa pequenina lígula, plana ou côncava, ou numa argola, estaríamos decerto perante um *oricarium specillum* ou um *auriscalpium*. Pensamos que não seria muito maior do que o fragmento que possuímos. Talvez se possa sugerir que a extremidade inexistente fosse, ou idêntica à existente, ou seja, uma ponta aguda (caso da sonda simples), ou, então, detentora duma forma diferente, mas dentro do espectro tipológico das sondas de ouvido. Ambos os casos são válidos, sendo impossível adiantar-se algo mais, pois, quer numa hipótese, quer noutra, as dimensões dos instrumentos são extremamente variáveis, não se conseguindo, por essa via, fazer uma opção. **Medidas:** 282 mm de comprimento (fragmento), 3,5 mm de diâmetro máximo, ao nível da secção do cabo.

**Paralelos:** são inúmeras as sondas apresentadas por Melendo (1988, *passim*), tanto simples, como de ouvido, pelo que nos escusamos de as enunciar exaustivamente. Outros autores, como por exemplo Jackson (1990, Fig. 4, n.º 10), apresentam igualmente variados tipos de sondas. **Cronologia:** o uso dos instrumentos médico-cirúrgicos denominados por “sondas” é atestado pela bibliografia e pelas fontes clássicas como característico de todo o período romano. A sonda médico-cirúrgica de Alcácer do Sal (enterramento da Barrosinha) terá, pois, de ser datada pelo seu contexto.

## Conclusões

Torna-se, por variadíssimas razões, imperativa a escavação integral da *villa* áulica da Herdade da Barrosinha. Apenas mediante esta escavação se poderá conhecer a totalidade da estação, quer a nível da extensão das estruturas e localização das diversas componentes arquitectónicas, quer no que respeita ao estudo exaustivo de todo o espólio que a mesma venha a revelar.

A julgar pelos materiais já exumados na *villa* e respectiva necrópole — os quais urge centralizar, reunindo-os no Museu Municipal de Alcácer do Sal —, cuja inequívoca qualidade é notória, estaremos perante uma importante estação arqueológica, importância a que a própria localização geográfica não será alheia.

De facto, a proximidade de *Salacia* e, sobretudo, a do Sado, aliada, por sua vez, à fertilidade dos solos, confere-lhe garantias únicas de ter sido um local onde se desenvolveram actividades diversas — produção anfórica e agrícola — de extrema relevância dentro do contexto económico da época romana, na Lusitânia.

O espólio funerário estudado no presente artigo, certamente respeitante à sepultura de um cirurgião, terá, na sua totalidade, de ser datado pelas peças sobre as quais se aferiu uma cronologia mais fina — as lucernas —, que indicaram, no conjunto, o século III d. C.

O seu fabrico, que supomos hispânico, à semelhança das demais *lucernae* publicadas em 1974, revela-nos a existência de fornos localizados no Sul da Península Ibérica (peças n.ºs 4 e 5) e, talvez, em Mérida, para a lucerna erótica (peça n.º 6). De igual modo, a *olla* e o jarrinho de boca larga, ambos de cerâmica comum, indiciam uma produção local.

Para a taça de vidro, por sua vez, poder-se-á adiantar uma importação itálica, inserta na cronologia já sugerida.

Todos os instrumentos médico-cirúrgicos e farmacêuticos, pela sua enorme difusão e amplitude temporal, terão, forçosamente, de ser datados através das três lucernas.

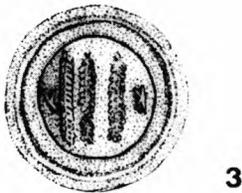
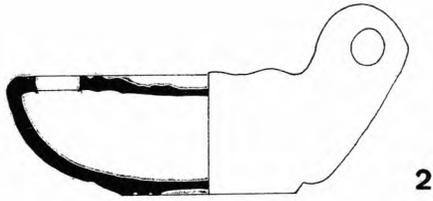
Assim, conclui-se que o contexto arqueológico do enterramento analisado deverá ser atribuído à terceira centúria da era de Cristo, tornando-se muito difícil, para além de erróneo, tentar precisar um espaço cronológico mais restrito no decorrer daquele século.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, 1974, *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga*, Suplementos de *Biblos*, 8, Coimbra.
- 1974, “A Necrópole de Monte Farrobo (Aljustrel)”, *Conimbriga*, vol. XIII, pp. 5-32.
- 1988, *Roman Portugal*, vols. I e II (Fase. 2), Warminster.
- ALARCÃO, J. e ALARCÃO, A., 1966, “O Espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)”, *Conimbriga*, vol.V, pp. 7-104.
- ALARCÃO, Adília Moutinho e PONTE, Sálete da, 1976, “Les Lampes”, *Fouilles de Conimbriga*, vol. VI, Paris.
- 1976, “As lucernas romanas do Paço Ducal de Vila Viçosa”, *Conimbriga*, vol. XV, pp. 73-91.
- ALMEIDA, J. A. Ferreira de, 1953, “Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal”, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, n.º 2, pp. 5-208.
- AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, 1993, “Lucernas Romanas de la Région de Murcia (Hispania Citerior)”, *Anejos de Antigüedad y Cristianismo*, I.
- ANSELMINO, E. e PAVOLINI, C., 1981, “Ceramica Africana. Terra-Sigillata: Lúcene”, *Atlante delle forme ceramiche I; Ceramiche fine romane nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero)*, Roma, pp. 184 e ss.
- ARVEILLER-DULONG, Véronique e ARVEILLER, Jacques, *Le verre d'époque romaine au Musée Archéologique de Strasbourg*, Paris, 1985.
- BAILEY, Donald M., 1980, *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, II, Roman Lamps made in Italy*, Londres.
- BALIL, Alberto, 1968, “Marcas de ceramistas en lucernas romanas halladas en España”, *Archivo Español de Arqueología*, 41, pp. 158-178.
- 1982, “Estudios sobre Lucernas Romanas — III”, *Studia Archaeologica*, 70, pp. 5-17 e Láms. I-III.
- BAPTISTA, Joaquim Correia, 1896, “Salada”, *O Archeologo Português*, vol. II, n.º 1, p. 7.
- BELCHIOR, Claudette, 1969, *Lucernas Romanas de Conimbriga*, Museu Monográfico de Conimbriga, Coimbra.

- BERNHARD, Maria Ludwika, 1955, *Lampki Starozytne*, Varsóvia, pp. 322, 323, e Tabi. LXXXV, n.º 306.
- BLÁZQUEZ, José María, 1993, *Mosaicos Romanos de España*, Ed. Cátedra, Madrid, pp. 335-342.
- BOROBIA MELENDO, Enrique Luis, 1988, *Instrumental Medico-Quirurgico en la Hispania Romana*, Madrid.
- CABRAL, Maria Elisabeth, 1973, *Lucernas Romanas de Tróia de Setúbal (Museu Nacional de Arqueologia)*, vols. I e II, Dissertação de Licenciatura em História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada).
- 1974, “Cinco lucernas inéditas da Barrosinha (Alcácer do Sal)”, *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, vol. II, p. 175-184.
- 1976-1977, “Lucernas romanas de Miróbriga”, *Setúbal Arqueológica*, vols. II-III, pp. 455-463 e Ests. I-V.
- CAEIRO, José O. da Silva, 1993, *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Publicações “Universidade de Évora”, Évora, pp. 7-25.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, 1982, *Dictionnaire des Symboles*, Ed. Robert Lafont/ Jupiter, Paris, pp. 575-577.
- DENEAUVE, Jean, 1969, *Lampes de Carthage*, Paris.
- DIOGO, Antonio Manuel Dias, 1980, “Fornos de ânforas do Monte do Bugio. Notícia preliminar”, *Conimbriga*, vol. XIX, pp. 147-150.
- 1987, *et alii*, “Fornos de ânforas de Alcácer do Sal”, *Conimbriga*, vol. XXVI, Coimbra, pp. 77-111.
- DIOGO, António Manuel Dias e FARIA, João Carlos L., 1990, “Fornos de cerâmica no Vale do Sado. Alguns elementos”, *Actas das Jornadas sobre Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, Diffusion E. de Boccard, Paris, pp. 173-186.
- FRASER, P. M. e MATTHEWS, E., 1987, *A Lexicon of Personal Greek Names*, vol. L Clarendon Press, Oxford.
- ISINGS, C., 1957, *Roman Glass*, Groningen/ Djakarta.
- JACKSON, Ralph, 1990, “Roman doctors and their instruments: recent research into ancient practice”, *Journal of Roman Archaeology*, vol. 3, *passim* e Fig. 4, n.º 10.
- KNORR, Robert, 1907, *Die verzierten Terra-sigillata — Gefässe von Rottweil*, Est. XXVII.
- LEITÃO, Manuel e PONTE, Sálete da, 1980, “Lucernas romanas do Museu Tavares Proença Júnior (Castelo Branco)”, *Conimbriga*, vol. XIX, pp. 151-158.
- LUTZ, M., 1970, “L’Atelier de Saturninus et de Satto à Mittelbronn (Moselle)”, XXII Supplément à *Gallia*, CNRS, Paris, pp. 146-147.
- MAIA, Manuel, 1988, *Ânforas do Sul da Lusitânia. Ensaio de Caracterização e Contributos para a História Económica*, trabalho apresentado à Faculdade de Letras de Lisboa como Prova Complementar de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia (policopiada).
- MAYET, Françoise, SCHMIT, Anne, e SILVA, Carlos Tavares da, 1996, *Les Amphores du Sado (Portugal)*, Paris, pp. 34-39.
- MANTAS, Vasco Gil, 1990, “As cidades marítimas da Lusitânia”, *Les Villes de Lusitanie romaine*, CNRS, Paris, pp. 149-205.

- MILNE, J. Stewart, 1907, *Surgical Instruments in Greek and Roman Times*, Oxford.
- NOLEN, Jeannette U. Smit, 1985, *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.
- NOLEN, Jeannette U. Smit *et alii*, 1994, *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares — Balsa*, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus.
- NOLEN, Jeannette U. Smit e DIAS, Luisa Ferrer, 1981, “A necrópole de Santo André. Parte II — Os materiais”, *Conimbriga*, vol. XX, Coimbra, pp. 33-180.
- OLEIRO, J. M. Bairrão, 1952, *Catálogo das Lucernas Romanas — Museu Machado de Castro*, Coimbra.
- PEREIRA, Maria Luísa Veiga Silva, 1990, “Instrumentos cirúrgicos de Balsa (Quinta da Torre d’Ares)”, *Conimbriga*, XXIX, pp. 107-127.
- PONSICH, Michel, 1961, *Les Lampes Romaines en Terre Cuite de La Maurétanie Tingitaine*, Publications du Service des Antiquités du Maroc, Fase. 15, Rabat.
- PONTE, Sálete da, 1987, “Artefactos romanos e post-romanos de S. Cucufate”, *Conimbriga*, vol. XXVI, Coimbra, pp. 133-165.
- REGUERAS GRANDE, Fernando, YAGÜE HOYAL, Pablo, e MARCOS FIERRO, Rosa, 1994, *Rapto y Rescate del Héroe. El Mosaico de «Hilas y las Ninfas»*, Museo de León, Junta de Castilla y León.
- SIMÕES, Maria Helena, 1987, “Os vidros romanos da colecção Bustorff Silva do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia”, *O Arqueólogo Português*, vol. 5, Série IV, Lisboa, pp. 259-286.
- SOUSA, Elvino Melim de, 1989, “O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas”, *Ler Historia*, n.º 15, pp. 182-183.
- STIAFFINI, Daniela e BORGHETTI, Giuseppina, 1994, *I Vetri Romani del Museo Archeologico Nazionale di Cagliari*, Oristano.
- TAF ALLA, Maria Teresa Amaré, 1984, *Lucernas Romanas de Bilbilis*, Zaragoza.  
1987, *Lucernas Romanas de la Rioja*, Logroño.  
1987, *Lucernas Romanas: Generalidades y Bibliografía*, Monografías Arqueológicas, n.º 26, Zaragoza.  
1988, *Lucernas Romanas de Aragón*, Zaragoza.
- VASCONCELLOS, José Leite de, 1898, “Excursão archeologica ao Sul de Portugal/ 4. Arredores de Alcacer/ 8- Herdade da Barrosinha”, *O Archeologo Português*, vol. IV, n.º 1-6, p. 113.
- VEGAS, Mercedes, 1973, *Cerámica Común Romana del Mediterráneo Occidental*, Universidad de Barcelona, Instituto de Arqueología y Prehistoria.
- VIANA, Abel e DEUS, António Dias de, 1955, “Necropolis de la Torre das Arcas”, *Archivo Español de Arqueología*, 2.º semestre, Madrid.





1:2

